

Cerco flutuante: pesca na Baía dos Castelhanos, Ilhabela-SP

Paula Affonso de Araujo Silva

Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos

paulapaas@hotmail.com

A conversa que inspirou este caderno de imagens se iniciou nas areias da Praia Mansa, localizada na Baía dos Castelhanos em Ilhabela. Lá, Marcelino entalhava redes para confecção de uma armadilha de pesca conhecida como cerco flutuante. O cerco pronto viria a ter 70 braças de circunferência. A medida em braça, como aparece no trabalho de Mussolini (2015), a primeira pesquisadora a descrever o funcionamento desse aparelho de captura, é uma medida variável e depende da envergadura do redeiro. No caso de Marcelino, conforme ele me explicou, 100 metros de linha equivalem a 45 braças. Esse trabalho perdurou três semanas, demandando pausas frequentes relacionadas às mudanças de tempo. Dias de chuva e de alta incidência solar atrasaram o processo. Todos os dias eu descia até à praia para conversarmos e observava o andamento do cerco que seria entregue ao futuro dono, um pescador da Praia do Indaiaúba, em poucas semanas. Perguntei a Marcelino se o pescador que encomendara aquele cerco não sabia entalhar suas próprias redes e ele respondeu que são poucos os caíçaras que sabem esse ofício e que mesmo quem sabe fazer não tem paciência suficiente, pois é um trabalho "muito demorado, né, judia muito por conta do sol e do borrachudo"¹, aí ninguém quer aprender não".

Minha curiosidade com seu ofício de pescador, acompanhada por muitas perguntas, fez com que Marcelino se interessasse também por meu trabalho e, por sua vez, fizesse perguntas voltadas aos meus métodos. "Você vem aqui e escreve no caderno, mas e depois?",

1 Os borrachudos são mosquitos que se criam em águas limpas e correntes. Pela abundância de águas com essas características na ilha, os borrachudos encontraram ali um ambiente excelente para sua proliferação, por mais que a SUCEN (Superintendência de Controle de Endemias) tente realizar o controle biológico dessa espécie. Em certos horários, entre 5:30 e 7:30 de manhã e o fim da tarde, "o borrachudo fica doído" e torna quase impossível o trabalho na areia da praia.

"você mostra pros seus colegas?", "tira uma foto pra mostrar pra eles e acreditarem em você". Por essa razão, algumas das fotografias apresentadas aqui foram estimuladas por Marcelino. No decorrer de nossa conversa expliquei os processos avaliativos do Programa de Pós-Graduação e quando disse a ele que boa parte do trabalho, excetuando-se os momentos de estadia na Praia Mansa, era sentar na cadeira e dispor sobre a mesa os materiais necessários para a escrita, ele respondeu "no seu trabalho também tem que ter muita paciência".

Paciência foi o termo utilizado por Marcelino para pensar nossos trabalhos, ainda que completamente diferentes. No sentido dado por ele, um trabalho que requer paciência é aquele que demanda sobretudo constância. Os resultados almejados, sejam muitos quilos de pescado, uma rede ou uma dissertação, exigem tempo dedicado ao trabalho. Enquanto Marcelino entalhava a rede de cerco, uma de suas considerações em relação ao meu trabalho girava em torno da necessidade de escrever, não só pra mim, mas o fato de precisar também mostrar para os outros e passar pelos processos. Em decorrência disso, Marcelino recomendou que eu tomasse sol sem proteção solar para que minha pele ficasse num tom "mais caiçara", na esperança que essa mudança confirmasse minha presença, e também que eu tirasse fotos de redes, peixes, barcos e documentos para poder mostrar, quando retornasse para casa e para a Universidade, que realmente estive ali.

Cerco flutuante

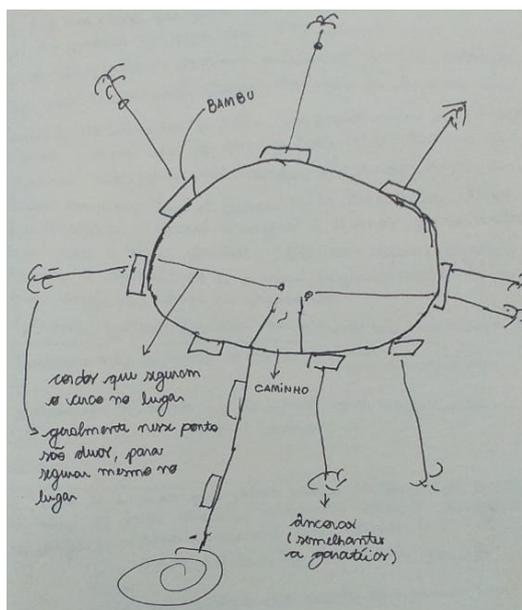


Figura 1: Desenho de Marcelino demonstrando a estrutura de um cerco flutuante, visto de cima. A escrita foi feita por mim, transcrevendo as explicações.

As fotos que compõem esse caderno de imagens foram tiradas em dias diferentes, mas todas relacionadas à mesma técnica de pesca, o cerco flutuante. Angélica, irmã de Marcelino, conta que a técnica foi aprendida com imigrantes japoneses que construíram o primeiro cerco e residiam no Saco do Sombrio, uma das comunidades da Baía dos Castelhanos. Mussolini (1946) conta que Kuzi Amabi produziu o primeiro cerco para Sumkiti Kamati. A história que me foi contada pelos caiçaras é a mesma apresentada pela autora, excetuando-se os nomes, eles lembravam somente de Kamati, mas Angélica fez questão de procurar em seus livros.

O cerco flutuante é uma técnica fixa de captura, com pontos de pesca cadastrados na Capitania dos Portos. Na média, em um cerco trabalham cinco homens, sendo um o dono do cerco e os outros seus camaradas. Na Praia Mansa as mulheres participam dessa pesca apenas em caso de necessidade (por exemplo, se os camaradas não estiverem disponíveis na hora da visita ao cerco). Essa visita pode ser realizada de 2 a 4 vezes por dia, sendo geralmente a primeira atividade dos pescadores, logo após o café da manhã. A segunda visita ocorre próxima da hora do almoço, perto do meio dia, e a última no fim da tarde. Os contornos irregulares e recortados da ilha, com enseadas de águas profundas e abrigadas do vento (Blank *et al.* 2009), possibilitam que o aparelho capture as espécies marinhas por todo período que os camaradas o manterem na água. Pode ser utilizado o ano inteiro, tendo períodos de maior e menor abundância, pois como me disse Marcelino "o peixe vai pra onde tá bom pra ele". Assim, a temperatura da água, os períodos de desova e de migração reprodutiva fazem o peixe *andar* e, conseqüentemente, aparecer ou desaparecer na Baía.

A estrutura responsável por manter o cerco flutuando é feita com corda e bambus e recebe o nome de *rodo*. Nessa estrutura prende-se o *caminho*, formado por uma rede de pesca de formato retangular que vai do costão no qual se fixou o cerco até a parte do *rodo* que possui formato arredondado. A espiral no desenho de Marcelino representa essa pedra. No *rodo* também se prende a rede das paredes do cerco, formada por malhas grandes e com fio fino, é o emalhe produzido por Marcelino na imagem 2. A despesca do cerco é feita por uma canoa pequena e uma embarcação maior, podendo ser uma canoa de voga ou uma lancha fabricada com fibra de vidro, que são mais rápidas e podem carregar mais peso que as canoas de voga. Canoas de voga são construídas a partir de um único tronco e podem chegar a 20 metros de comprimento. Para além da agilidade e peso, a construção dessas canoas está inviabilizada pelas leis que proíbem o uso dos recursos naturais em Unidades de Conservação de Proteção Integral. Desde 1977, ano do Decreto Estadual Nº 9.414, 80,10% da área total do município foi transformada e Parque Estadual.

Segundo Marcelino, algumas pessoas fazem críticas a essa substituição, das canoas pelas lanchas, mas "não dá pra ficar a vida toda na mesma, caiçara não pode ter isso, não pode ter aquilo, mas se vai adiantar pro seu lado, qual é o problema?", respondi concordando com sua colocação e Marcelino complementou: "esperam que o índio, o caiçara fique sempre igual e o peixe anda, nós também, ninguém fica parado". A substituição de embarcações em razão da velocidade e capacidade de carga não foi a única, a rede que forma o fundo do cerco, chamada de *ensacador*, tem trama pequena feita com fio grosso e é comprada pronta em lojas de artigos para pesca, pois o trabalho que seria dispensado para um emalhe tão pequeno não compensaria o valor recebido pelo redeiro. A diferença do tamanho do emalhe, em comparação com as paredes do cerco, visam impedir que o peixe escape por baixo quando a canoa se encontra com a lancha (imagem 6). Essa rede do *ensacador* é costurada na rede das paredes.

O peixe obtido pela pesca de cerco é um peixe *liso*, diferente do peixe pescado nas redes de espera que ficam marcados pelas malhas. O processo ocorre dessa forma: quando o peixe chega no *caminho*, considerando que peixes não costumam nadar para trás, eles tendem a virar para o lado aparentemente livre, a *boca* do cerco, essa entrada o leva para o *ensacador* e ali o peixe permanece vivo até o momento da despesca. Na despesca a canoa tem por função fechar a boca do cerco, enquanto os pescadores da embarcação maior, na outra extremidade da armadilha, recolhem a rede, retirando os peixes que emalharam. Ao mesmo tempo que recolhem a rede para chegar ao centro do cerco, vão soltando a rede, num contínuo movimento de puxar a rede que está na água e devolver pro mar a rede que já estava puxada dentro do barco, até chegarem ao fundo, o *ensacador*. Nesse momento as duas embarcações estão próximas e paralelas e os peixes são jogados para dentro da embarcação maior. Com os peixes dentro da lancha, é hora de selecionar as espécies que serão levadas, devolvendo ao mar os peixes pequenos, peixes em período de defeso, em extinção e demais animais marinhos, como arraias e tartarugas. Essa é uma vantagem, apontada pelos pescadores, dessa técnica de pesca, pois permite a seleção do pescado, sem causar danos aos demais. Os cercos ficam no mar de 15 a 20 dias, após esse período são retiradas da água para serem remendadas e são estendidas na areia da praia para secarem sob o sol para retirada de algas e limo.

Referências

- BLANK, Ana; *et al.* 2009. A pesca de cerco-flutuante na ilha Anchieta, Ubatuba, São Paulo, Brasil. *Série Relatórios Técnicos, São Paulo*, 34: 1-18.
- MUSSOLINI, Gioconda. 2015. "Organização econômica". *Revista de Antropologia*, 58(2): 6-9.

_____. 1980. *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara. Coleção Estudos Brasileiros, 38.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido em: 22 de maio de 2020.

Aprovado em: 04 de agosto de 2020.



Figura 2: Marcelino entalhando uma rede de cerco flutuante.



Figura 3: Pescadores da Praia Mansa se preparando para a última visita do dia ao cerco, reunidos em volta de um barco de fibra. Na parte inferior da fotografia está uma canoa caiçara.



Figura 4: Vanildo puxando a rede do cerco para dentro da embarcação.



Figura 5: No lado oposto da embarcação conduzida por Vanildo, Walter fecha a boca do cerco.



Figura 6: Quando as embarcações se encontram e o ensacador fica entre as duas, possibilitando a despesca



Figura 7: Retorno à Praia Mansa com os pescados. Nesse dia, as espécies capturadas foram: carapau (*Caranx Crysos*), sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*), peixe espada (*Trichiurus lepturus*) e olho de cão (*Priacanthus arenatus Cuv.*).



Figura 8: Os peixes são armazenados em caixas na câmara fria da comunidade para no dia seguinte serem levados aos atravessadores, no bairro São Francisco, em São Sebastião. Parte dos peixes é vendida aos donos de quiosques na Baía dos Castelhanos.



Figura 9: Marcelino *consertando* os peixes para seu consumo. O processo de *consertar* envolve limpar, espalmar e/ou filetar o pescado.



Figura 10: Salga do peixe já *consertado*.



Figura 11: Walter e Leandro trabalhando com uma rede de cerco recém tirada do mar para secagem e reparos.